



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 18, N° 1 (2024)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la  
Educación, Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

---

*O compromisso educativo do filósofo, segundo Pierre Hadot*

*The philosopher's educational commitment, according to Pierre Hadot*

El compromiso educativo del filósofo, según Pierre Hadot

*Paulo Junior B. Lauxen<sup>1</sup>*

**DOI:**

**Recibido:** 1° de marzo de 2024.

**Aceptado:** 15 de septiembre de 2024.

### **Resumo**

O historiador e filósofo Pierre Hadot (1922-2010) defende uma concepção de filosofia entendida como modo de vida e exercício espiritual que, de acordo com ele, implica para o filósofo um compromisso educativo em relação às outras pessoas. Para ele, nos tempos antigos a filosofia foi

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Santa Catarina.

(e, talvez, hoje deveria outra vez ser) uma atividade voltada não somente ao desenvolvimento teórico e conceptual, mas sobretudo à transformação da própria existência sob a coordenada de um ideal de boa vida ou sabedoria. Mas a dedicação do filósofo ao seu próprio aprimoramento existencial não conduz a uma atitude de ensimesmamento egoísta, pois, na medida em que envolve precisamente a superação do egoísmo, ela provoca uma abertura em relação às outras pessoas. Essa preocupação com os demais se configura como um compromisso educativo do filósofo em relação aos outros. Porém, à diferença da maneira como se ensina filosofia contemporaneamente, trata-se de um ensino que não se reduz à teoria e ao conceito, mas que solicita também o envolvimento prático e a modificação concreta da vida.

**Palavras-chave:** educação; exercícios espirituais; filosofia como modo de vida.

### **Resumen**

El historiador y filósofo Pierre Hadot (1922-2010) defiende una concepción de la filosofía entendida como una forma de vida y ejercicio espiritual que, según él, implica para el filósofo un compromiso educativo en relación con las demás personas. Para él, en la antigüedad la filosofía era (y, tal vez, hoy debería volver a serlo) una actividad encaminada no solo al desarrollo teórico y conceptual, sino sobre todo a la transformación de la propia existencia bajo la coordenada de un ideal de buena vida o sabiduría. Pero la dedicación del filósofo a su propia mejora existencial no conduce a una actitud de ensimismamiento egoísta, porque, en la medida en que implica precisamente la superación del egoísmo, provoca una apertura hacia los demás. Esta preocupación por los demás se configura como un compromiso educativo del filósofo en relación con los demás. Sin embargo, a diferencia de la forma en que se enseña la filosofía hoy en día, es una enseñanza que no se reduce a teoría y conceptos, sino que también requiere una implicación práctica y una modificación concreta de la vida.

**Palabras clave:** educación; ejercicios espirituales; filosofía como forma de vida.

### **Abstract**

The historian and philosopher Pierre Hadot (1922-2010) defends a conception of philosophy understood as a way of life and spiritual exercise which, according to him, implies for the

philosopher an educational commitment in relation to other people. For him, in ancient times philosophy was (and, perhaps, today it should be again) an activity aimed not only at theoretical and conceptual development, but above all at the transformation of existence itself under the coordinate of an ideal of good life or wisdom. But the philosopher's dedication to his own existential improvement does not lead to an attitude of selfish self-absorption, because, to the extent that it involves precisely overcoming selfishness, it provokes an openness towards other people. This concern for others is configured as an educational commitment of the philosopher in relation to others. However, unlike the way philosophy is taught today, it is a teaching that is not reduced to theory and concepts, but which also requires practical involvement and the concrete modification of life.

**Keywords:** education; philosophy as a way of life; spiritual exercises.

## **Introdução**

O historiador e filósofo contemporâneo Pierre Hadot (1922-2010) propõe em sua obra uma peculiar interpretação da história da filosofia ocidental, em particular da filosofia greco-romana do período antigo. Ademais, propõe também uma concepção singular sobre o que é a filosofia, concebendo-a, analogamente aos filósofos antigos, como um modo de vida. Nesse sentido, o trabalho de Hadot, em primeiro lugar, além de sua importância em nível historiográfico (pois propõe uma interpretação original sobre o que foi a história da filosofia), possui também importância em nível metafilosófico, isto é, na medida em que (aliás, justamente a partir de seu nível historiográfico) propõe uma concepção específica sobre o que é (ou sobre o que deveria ser) a filosofia, a saber, o modelo da filosofia como modo de vida. De acordo com John Sellars, o modelo da filosofia como modo de vida

«não é apenas a forma como a filosofia foi concebida há muito tempo atrás, mas também uma opção metafilosófica viva que foi retomada por filósofos ao longo da história da filosofia e que pode ser retomada ainda hoje». (Sellars, 2022, p. 66).

Mas a obra de Hadot também possui, juntamente com sua pertinência histórica e metafilosófica, um importante desdobramento e impacto contemporâneo em um nível pedagógico. Isto significa

que, de um lado, «o modelo da filosofia como modo de vida tem inspirado o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e disseminação da filosofia a públicos alargados» (Testa y Faustino, 2022, p. 41); mas também que, de outro lado, em conformidade com sua concepção de filosofia como modo de vida, a obra de Hadot tem também uma pretensão educativa de ensinar aos indivíduos contemporâneos uma nova maneira de viver. Para esse autor, o filósofo comprometido com esse modelo de filosofia consecutivamente também assume uma responsabilidade pedagógica perante as demais pessoas, sendo que, assim como os filósofos da antiguidade, ele próprio e, sob sua influência, professores de filosofia de nosso tempo compartilham desse mesmo compromisso educativo. Porém, trata-se de um ensino filosófico que, à diferença da maneira como a filosofia é contemporaneamente ensinada nas escolas e universidades, não se reduz à teoria e ao conceito, mas solicita também o envolvimento prático e a modificação concreta da vida. São principalmente esses aspectos pedagógicos da obra desse autor que interessam o estudo que desenvolvemos aqui.

### **A filosofia como modo de vida e exercício espiritual**

Dedicando-se principalmente à antiguidade filosófica, mas sem se restringir a esse período específico, Pierre Hadot desenvolve uma leitura das filosofias da história ocidental que se diferencia da maneira como, segundo ele entende, habitualmente elas são abordadas pela contemporaneidade filosófica. A partir desse estudo histórico e se inspirando nessas filosofias antigas por ele abordadas, Hadot ainda avança uma concepção sobre o fazer filosófico, entendido como prática de vida, que diverge da concepção e prática hegemônica em seu tempo.

Na contemporaneidade a filosofia, em particular aquela que é praticada no contexto acadêmico, desvinculou-se da existência concreta das pessoas, na medida em que se reduziu<sup>2</sup> a uma atividade estritamente teórica e conceitual, buscando solucionar no domínio discursivo questões abstratas, porém sem pretender implicar a conduta e nem ter relevância prática, seja para aqueles que a exercitam ou para as demais pessoas de fora do círculo dos especialistas na disciplina (Hadot, 2014b, pp. 16-17). Diferentemente disso, na antiguidade (mas, às vezes, também depois do tempo antigo), era ressaltada na filosofia a sua orientação e pertinência existencial. Nesse modelo, a filosofia se constitui como uma resposta, não somente teórica (embora, é preciso

---

<sup>2</sup> Não cabe aqui adentrar no estudo dos fatores históricos que consolidaram na contemporaneidade esse modelo teórico-abstrato de filosofia. Sobre isso, cf. Hadot, 2014a, pp. 268-269.

salientar, certamente a elaboração teórico-conceitual possui muita importância)<sup>3</sup>, mas também (e principalmente) prática à questão sobre como devemos viver, de modo que então «ela [a filosofia] é uma maneira de viver, (...) uma maneira de existir no mundo, que deve ser praticada a cada instante, que deve transformar toda a vida» (Hadot, 2014a, p. 262).

Isto significa que o imperativo fundamental da filosofia, antes da teorização, da elaboração de conceitos que expressem um conhecimento verdadeiro, é o imperativo por viver uma vida boa, isto é, a sabedoria. Nessa perspectiva o que o filósofo quer, antes de qualquer coisa, é de fato viver o melhor possível. O que ele objetiva, em primeiro lugar, é concretamente realizar para si uma vida que considera boa, completa, excelente em todas as suas possibilidades, tendo como parâmetro um modelo ou norma existencial expresso pela noção de sabedoria.<sup>4</sup>

Nessa tradição, de acordo com o autor, para essa preparação prática e existencial em direção da sabedoria, é indispensável aquilo que ele chamou de «exercícios espirituais», os quais «são inerentes ao modo de vida filosófico» (Hadot, 2014b, p. 259). A filosofia, enquanto um modo de vida, necessariamente implica os exercícios espirituais, de modo que a prática filosófica então coincide com a prática desses exercícios, razão pela qual também se pode dizer que a filosofia foi também exercício espiritual.<sup>5</sup>

Em um texto de entrevistas intitulado *A filosofia como maneira de viver* (2016), Arnold I. Davidson questiona Hadot: «o que é um exercício espiritual?». Em resposta, o filósofo elabora a seguinte definição: «Pessoalmente, eu definiria o exercício espiritual como uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si» (Hadot, 2016, pp. 115-116).

Alguns exemplos dessas práticas estudadas por Hadot são o exercício da concentração no instante presente, o olhar do alto, os regimes alimentares ou o diálogo consigo ou com os outros. Todas elas, de diferentes maneiras, são destinadas a operar uma modificação e transformação no indivíduo que nelas se aplica. A ideia do autor é a de que nesse modelo de filosofia como modo de vida, por meio desses exercícios, a vida do indivíduo e o seu modo de ser (sua conduta,

---

3 Também não cabe adentrar na discussão acerca do lugar do discurso filosófico nesse modelo de filosofia. Sublinhamos somente que não se trata de diminuir sua importância, mas de reposicioná-lo na perspectiva da preocupação fundamental pela boa vida. Cf. Hadot, 2014b, pp. 252-253.

4 Acerca da noção de sabedoria nesse modelo de filosofia, cf. Hadot, 2014b, pp. 313-314.

5 Acerca da opção pela palavra “espiritual” (que talvez poderia provocar reservas com relação a esse conceito, devido à sua aparente associação à religiosidade e, conseqüentemente, seu distanciamento de uma abordagem estritamente filosófica), Cf. Hadot, 2016, p. 115 e Davidson, 1990, p. 476.

pensamentos, desejos, percepções e etc.) são objeto de uma exercitação e transformação, que é orientada por uma coordenada específica acerca do que é a boa vida (sendo que as diferentes filosofias apontaram para diferentes direções no que se refere ao ideal da boa vida)<sup>6</sup>. Tendo em vista uma transformação que deve implicar a totalidade dos componentes do modo de ser e viver do filósofo, esses exercícios deverão incidir não somente, por exemplo, sobre suas opiniões ou sua conduta, mas também sobre sua sensibilidade ou sua vontade. Uma vez que esses exercícios consistem em uma maneira de atuar sobre si mesmo com vistas à uma modificação do próprio modo de ser e viver, pode-se dizer que a filosofia então se configura como um processo de transformação do eu, no qual o filósofo busca ensinar a si mesmo (não apenas teoricamente, mas sobretudo praticamente) uma nova maneira de existir que ele acredita ser a melhor ou mais completa.

### **O egoísmo da filosofia**

Pierre Hadot é questionado por Davidson acerca do risco de o esforço espiritual que caracteriza a filosofia se tornar uma atitude egoísta de ensimesmamento (Hadot, 2016, p. 137). Ora, esse percurso de exercitação espiritual, de fato, solicita ao filósofo uma especial atenção sobre si, com vistas a operar uma transformação em sua própria vida. Nisso pode parecer que existe nessa tarefa certa despreocupação com as outras pessoas e uma preocupação apenas consigo e com a qualidade da própria vida.

Para responder essa problemática do aparente egoísmo que poderia estar implicado na transformação filosófica de si, Hadot procura esclarecer que, ao invés disso, esse percurso não é egocentrado e que ele envolve a preocupação com os outros:

«Cuidado de si pode parecer egocêntrico. Mas o fato é que (...) a prática espiritual (...) não é egoísta, por várias razões. Primeiramente, os exercícios espirituais servem para desprender do egoísmo (...). Os filósofos (...) sempre fizeram um esforço para se desprender do eu tendencioso e parcial, para se elevar a um nível superior do eu. Já falamos sobre isso, aliás, a propósito do diálogo como exercício espiritual: o diálogo consiste justamente em reconhecer os direitos do outro na discussão e sobretudo, em reconhecer uma norma superior a cujo nível o eu deve se elevar para poder simplesmente dialogar – uma norma superior que é a razão. No fundo, a questão é simples: a partir do momento em que tentamos nos submeter à razão, somos necessariamente obrigados a renunciar ao egoísmo». (Hadot, 2016,

---

6 O autor levanta a hipótese de que essas diferentes concepções filosóficas, no fundo, conservam elementos constantes e universais sobre o que significa uma vida boa. Cf. Hadot, 2014b, pp. 390-391.

pp. 137-138).

Em primeiro lugar, Hadot nos relembra que a prática filosófica, embora se constitua como um cuidado de si, não pode ser considerada egocentrada na medida em que existe no seu horizonte principalmente o objetivo de superar o egoísmo.<sup>7</sup> Na perspectiva proposta por esse autor, tanto em seus aspectos historiográficos, quanto em suas perspectivas para a contemporaneidade, parece estar no escopo da tarefa filosófica sobretudo a tentativa de se desprender da perspectiva parcial, subjetiva e tendenciosa, em vista de uma nova perspectiva mais impessoal, objetiva, imparcial e universal. Assim, por exemplo, a prática do diálogo,<sup>8</sup> na medida em que solicita que nos coloquemos sempre no ponto de vista da razão, favorece o nosso desprendimento do egocentrismo. Nessa mesma direção, também a prática do olhar do alto,<sup>9</sup> ao nos oportunizar a tomada de consciência de nossa participação no Todo e, conseqüentemente, nossa desidentificação com o eu individual, igualmente deve nos ajudar nessa tarefa de superação do egocentrismo. Compreende-se, portanto, que o percurso filosófico, embora seja voltado para o aprimoramento de si, não se configura como uma forma de egoísmo, precisamente porque esse aprimoramento, para Hadot, corresponde à superação do egoísmo.

Após considerar esse primeiro argumento que esclarece em que sentido a prática filosófica não poderia ser egoísta, o autor acrescenta ainda este outro aspecto:

«O segundo argumento, a que me referi a propósito de Sócrates, é que é preciso reconhecer que os filósofos antigos tiveram em grande medida a preocupação com os outros. Sócrates se apresenta, aliás, como alguém que recebeu a missão de cuidar dos outros, de fazê-los tomar a decisão de se preocuparem consigo mesmos». (Hadot, 2016, p. 138).

Segundo Hadot, verifica-se nas diferentes correntes de filosofia vinculadas a essa tradição que, ao invés de uma preocupação exclusiva consigo, os filósofos alimentam também uma

---

7 Seguimos neste trabalho a hipótese de leitura sobre a obra de Hadot segundo a qual, para ele, o ulterior objetivo ético da filosofia é a superação do egoísmo, a qual, por limite de espaço, não adentraremos aqui. Para uma consideração do autor acerca desse tema, cf. Hadot, 2014a, pp. 291-299.

8 Acerca do diálogo como exercício espiritual, cf. Hadot, 2014a, pp. 35-44; 2014b, pp. 256-257.

9 Sobre o exercício espiritual do olhar do alto, cf. Hadot, 2016, pp. 208-210. Acerca do tema do Todo em uma perspectiva historiográfica, cf. Hadot, 2014b, pp. 290-302. Sobre as proposições contemporâneas do autor sobre esse tema, cf. Hadot, 2014a, pp. 311-326. Para uma análise mais detida dessa noção, remetemos o leitor para Sharpe, 2018.

preocupação com os outros. Essa ocupação com os demais se configura enquanto uma preocupação que esses se preocupem consigo próprios, tal como evidenciado, por exemplo, na atitude de Sócrates em relação aos seus concidadãos. Ou seja, o filósofo se preocupa que os demais também se engajem na tarefa filosófica pela boa vida, isto é, que se convertam à filosofia. Esses dois argumentos estão articulados, pois é a superação do egoísmo, objetivada pelo percurso da filosofia, que conduzirá à preocupação com os outros. Com efeito, o autor sintetiza esse entendimento da seguinte maneira:

«É verdade que se poderia pensar que, para se ocupar com os outros, é preciso primeiro transformar a si mesmo. Mas essa transformação de si consiste precisamente em estar atento ao outro. No fim das contas, numa formulação exagerada, provavelmente, eu diria que não há verdadeiro cuidado com os outros se não houver esquecimento de si. Certamente, em todo caso, esquecimento do próprio interesse pessoal». (Hadot, 2016, p. 139).

A transformação de si objetivada pelo cuidado de si filosófico, uma vez que se refere à constituição de um eu cósmico ou universal, pelo que o egoísmo é superado, conseqüentemente provoca uma abertura para a preocupação com os outros. Na medida em que na filosofia nos tornamos menos preocupados em beneficiar apenas nossa própria pessoa, consecutivamente passamos a nos preocupar também com o benefício dos demais. Sendo que essa preocupação com os demais se exercerá efetivamente na forma de um esforço educativo em ajudar os outros no aprendizado e na prática da filosofia, pretendendo lhes favorecer a busca pela boa vida.

### **O compromisso educativo do filósofo**

A preocupação com as outras pessoas, que resulta da própria tarefa filosófica, uma vez que essa se configura como uma superação de si, dirige-se, enfim, ao empreendimento pedagógico de educar os outros filosoficamente. Pierre Hadot analisa o tema das relações que os filósofos dessa tradição de filosofia estabeleceram com os outros enfatizando que a sua ação comunitária se exerce sobretudo com um sentido educativo, configurando-se na forma de uma «direção espiritual»:

«Ao longo de toda nossa apresentação das diferentes escolas filosóficas,



encontramos o problema das relações do filósofo com os outros homens, seu papel na cidade, sua vida com os outros membros da escola. Reconhece-se, antes de tudo, a importância capital da direção espiritual. Isso comporta dois aspectos: de uma parte a ação de educação moral em geral, de outra a relação que liga individualmente um mestre a um discípulo. Sob esses dois aspectos, a filosofia antiga é direção espiritual». (Hadot, 2014b, p. 302).

A preocupação do filósofo com os outros é, principalmente, uma preocupação pela qualidade da existência dos demais, de modo que ele irá então intervir, indiretamente ou diretamente e mediante diferentes estratégias (por exemplo, pelo seu exemplo de vida ou pelo seu discurso), com o objetivo de influenciar indivíduos particular ou a sociedade em geral no sentido de uma modificação de suas maneiras de ser e viver. Ou seja, ele então buscará ensinar aos outros uma vida filosófica, isto é, a vida de busca pela boa vida e o esforço nesse sentido por intermédio dos exercícios espirituais. Sua esperança será a de que, tal como ele, também os outros façam, com maior ou menor grau de compromisso, a opção existencial pela filosofia e, consecutivamente, progridam em direção ao aprimoramento ético sob a coordenada de um ideal de sabedoria.

Essa preocupação com os outros se desdobra em dois níveis, seja enquanto uma educação moral da cidade ou como uma instrução individualizada. Sobre a tarefa educativa mais ampla, voltada para a comunidade, Hadot esclarece isto:

«A cidade grega (...) preocupava-se especialmente com a formação ética dos cidadãos, como atesta, entre outros, o uso de erigir nas cidades estelas nas quais fossem gravadas as máximas da sabedoria délfica. Cada escola filosófica quis retomar à sua maneira essa missão educativa, seja, como entre os platônicos e os aristotélicos, agindo sobre os legisladores e os governantes, considerados educadores da cidade, seja, como entre os estoicos, os epicuristas ou os cínicos, procurando converter os indivíduos por uma propaganda missionária que se dirigia a todos os homens, sem distinção de sexo ou de condição social». (Hadot, 2014b, p. 303).

De diferentes maneiras, seja mais diretamente, intervindo sobre o próprio coletivo dos indivíduos, ou mais indiretamente, agindo sobre indivíduos específicos que, por sua vez, exercerão influência sobre a coletividade, os filósofos se voltaram para a comunidade com o objetivo de nela exercer essa intervenção de transformação de sua maneira de ser e agir, tendo como referência um ideal de sabedoria. Pretendem assim influenciar a coletividade para um

redirecionamento filosófico, de modo que a comunidade se reorienta para uma configuração social que dê possibilidades para existências completas e felizes. Para ilustrar uma maneira de intervenção social sob a demanda desse propósito pedagógico-filosófico, pode-se referir aos filósofos epicuristas, que instalaram pela cidade máximas filosóficas que deveriam possuir o potencial de influenciar filosoficamente aqueles que se deparassem com elas (Hadot, 2016, pp. 138-139).

No que se refere à intervenção sobre os indivíduos particular, pela qual se estabelece um percurso educativo pessoal entre o filósofo e os demais, Hadot diz o seguinte:

«A direção espiritual apresenta-se como um método de educação individual. Ela tem duplo fim. Trata-se, antes de tudo, de permitir ao discípulo tomar consciência de si, isto é, de seus defeitos e progressos (...). Trata-se, depois disso, de ajudar o discípulo a fazer as escolhas particulares razoáveis na vida de todos os dias». (Hadot, 2014b, pp. 303-304).

Nesse nível, funda-se uma relação de ensino e aprendizado entre mestre e discípulo, na qual o filósofo influencia o outro para realizar a escolha fundamental pela busca filosófica pela sabedoria, instruindo-o sobre aspectos teóricos e práticos desse empreendimento. Tendo em vista que esse percurso espiritual, no fundo, é uma transformação de si por si, a relação pedagógica entre mestre e discípulo será principalmente de orientação e conselho: o filósofo buscará orientar e aconselhar seu discípulo para a realização dessa tarefa que, no entanto, ele deverá realizar por si próprio através dos exercícios espirituais.

Apenas para ilustrar de que maneira essa relação educativa pode se realizar, reproduzimos estes esclarecimentos acerca da direção espiritual na escola epicurista:

«A prática da direção espiritual chegava a ser, nessa escola, o objeto de um ensinamento, como atesta o tratado de Filodemo *Sobre a liberdade da palavra* (...). A franqueza de linguagem do mestre aparece aí como uma arte definida como aleatória (estocástica), na medida em que ele deve ter em conta os momentos e as circunstâncias. O mestre deverá esperar os reveses, procurar e tornar a procurar corrigir a conduta do discípulo, compadecendo-se de suas dificuldades. Mas para tanto é necessário que o discípulo não hesite em reconhecer suas dificuldades e seus erros e que fale com liberdade absoluta. (...) Como contrapartida, o mestre deve escutar com simpatia, sem zombaria ou malevolência. Em resposta à ‘confissão’ do discípulo, o mestre deverá, também, falar livremente para admoestar o discípulo, fazendo-o

compreender a verdadeira finalidade de suas reprimendas. (...) É necessário que a admoestação seja serena, sem faltar a benevolência. (Hadot, 2014b, pp. 306-307).

Não cabe aqui discutir os detalhes dessa relação pedagógica em particular, bastando-nos tomar a escola epicurista como exemplo de um aconselhamento filosófico no qual, em uma relação pessoal fundada na franqueza e na benevolência, o mestre orienta o discípulo. Este deve se exprimir com sinceridade, por exemplo, acerca das suas necessidades e dificuldades, e o mestre lhe deve ser franco em suas apreciações e repreensões concernentes ao comportamento daquele, porém buscando sempre se manter sensível em suas intervenções.

No que se refere às metodologias de ensino usadas pelos filósofos para exercer seu ofício de mestres, igualmente não cabe aqui a análise dos procedimentos pedagógicos que se recorria para esse fim. Para oferecer apenas um exemplo, referir-nos-emos à metodologia das escolas do período helenístico, quando

«(...) o ensino tende a tomar sempre uma forma dialógica e dialética, isto é, a sempre preservar, mesmo nas exposições magistrais, o procedimento de um diálogo, de uma sucessão de questões e repostas, o que supõe uma relação constante, ao menos virtual, com indivíduos determinados aos quais o discurso do filósofo se dirige. Apresentar uma questão, denominada ‘tese’ (‘A morte é um mal?’, ‘O prazer é o bem supremo?’, por exemplo) e discuti-la, tal é o esquema fundamental de todo ensino filosófico nessa época». (Hadot, 2014b, p. 156).

Nesse período grande parte das escolas ensinam o exercício para a sabedoria principalmente através da discussão de teses. A partir do debate em torno de questões específicas relacionadas a maneira de se viver (se a morte deve ser temida, por exemplo), os filósofos conduzem os discípulos à assimilação dos princípios que fundamentavam o viés teórico e prático professado na escola. Não obstante esse método em específico pareça se referir a um exercício estritamente teórico, a trajetória discursiva não é um fim em si mesma, mas deve favorecer a realização da opção existencial feita pelo discípulo. Assim sendo, a discussão de teses, ao conduzi-lo a uma maior compreensão sobre os princípios que definem certo modo de vida, serve para intensificar essa opção existencial.

Quanto à estrutura organizacional das instituições de ensino fundadas para oferecer esse ensino filosófico (a Academia de Platão ou o Liceu de Aristóteles, por exemplo), também não entraremos em pormenores. Oferecemos apenas uma ilustração da constituição dessas escolas, neste detalhe sobre a época helenística, quando as

«(...) escolas são amplamente abertas ao público. A maior parte dos filósofos, mas nem todos, tem como ponto de honra ensinar sem receber honorários. É isso que os opõe aos sofistas. Os recursos pecuniários são pessoais ou provenientes de benfeitores (...). Entre os que frequentam a escola, distinguem-se, em geral os simples ouvintes e o grupo de verdadeiros discípulos, chamados os ‘familiares’, os ‘amigos’ ou os ‘companheiros’, divididos em jovens e velhos. Os verdadeiros discípulos vivem muitas vezes em comunidade ou próximos uns dos outros». (Hadot, 2014b, pp. 150-151).

Essas instituições escolares se faziam disponíveis para todas as pessoas interessadas em empreender para si uma formação filosófica, sendo que muitas vezes instituía não apenas momentos específicos de ensino, mas também uma comunidade viva em que mestres e discípulos compartilhavam ocasiões do cotidiano, ajudando-se mutuamente no sentido do aprimoramento existencial.

Mas a emergência dessa relação pedagógica do filósofo com a coletividade ou com os indivíduos particulares, embora possa ser influenciada pelas intervenções do filósofo, deve se fundar em uma decisão que parte não do filósofo, mas dos outros:

«Reencontra-se aqui o princípio da ética do diálogo: só se pode dialogar com alguém que queira sinceramente dialogar. Não se deve constranger quem se recusa a mudar de modo de vida. Não se deve irritá-lo nem lisonjeá-lo, nem fazer-lhe vãs reprimendas nem ajudá-lo na satisfação de desejos que se desaprovam. E isso também vale para a cidade que se recusa a mudar de modo de vida. O filósofo poderá dizer que desaprova a depravação da cidade, se nisso houver alguma utilidade. Mas que não use de violência!». (Hadot, 2014b, pp. 305).

Para que o filósofo possa efetivamente desdobrar sua ação educativa em benefício dos outros é necessário que esses, antes de tudo, tenham se decidido pela busca filosófica e de fato se comprometido nesse empreendimento. Tendo o discípulo uma vez feito essa escolha, o mestre de filosofia, recorrendo a diferentes procedimentos pedagógicos, em um contexto escolar

institucionalizado ou não, então o ajudará a assimilar intelectual e espiritualmente os princípios teóricos e práticos que definem e orientam certo modo de vida filosófico.

A própria obra de Hadot, ao formular para o tempo presente uma acepção da filosofia como modo de vida, compartilha, ela mesma, dessa dimensão pedagógica. Embora à primeira vista pareça oferecer ao leitor uma original abordagem historiográfica e uma concepção alternativa de filosofia, ademais também busca exercer um impacto pedagógico. Jeannie Carlier sublinha essa dimensão do trabalho do autor:

«Existem livros dos quais não saímos exatamente como éramos quando neles entramos. Creio que é esse o caso em relação a seus três livros, *O que é a filosofia antiga?*, *Exercícios espirituais* e, sobretudo, *La citadelle intérieure*. Eu mesma, que passei semanas relendo-os, vi mudanças sutis ocorrerem na minha maneira de ver as coisas – em relação a pontos minúsculos, é verdade: um olhar crítico sobre os meus julgamentos, ou ainda uma consciência mais viva do instante presente». (Hadot, 2016, p. 181).

Carlier evidencia que essa produção filosófica de Hadot envolve também um potencial formativo sobre a existência das pessoas, sendo capaz de, mais do que informar histórica e filosoficamente seus leitores, também transformá-los no que concerne à maneira de ser desses. Nesse sentido, a obra desse filósofo se alinha à tarefa educativa, no sentido da modificação da existência das pessoas para uma vida melhor, que ele atribui aos filósofos da tradição de filosofia por ele estudada.

O método para exercitar essa tarefa pedagógica de ajudar as outras pessoas a modificarem suas vidas é o da comunicação indireta. Quando questionado por Carlier sobre o motivo de fazer um retorno às filosofias antigas, se seu propósito era propor um modo de vida que ele acredita ser bom para os indivíduos de nosso tempo, o autor responde assim:

«Quanto a mim, eu diria que se trata daquilo que Kierkegaard denominava o método da comunicação indireta. Quando se diz diretamente: faça assim, ou faça assado, dita-se uma conduta, com um tom de falsa certeza. No entanto, graças à descrição da experiência espiritual vivida por um terceiro, pode-se fazer vislumbrar e sugerir uma atitude espiritual, fazer ouvir um chamado, que o leitor tem a liberdade de aceitar ou recusar. Cabe a ele decidir. Ele é livre para acreditar ou não acreditar, agir ou não agir. Seu eu julgar pelas inúmeras cartas que recebi, escritas pelas pessoas mais diversas, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos, que me dizem que meus livros as

ajudaram espiritualmente – alguém chegou a escrever: ‘você mudou minha vida’ -, considerarei que o método é bom; e sempre pude responder a essas pessoas, com razão, que não fui eu, mas foram os filósofos antigos que lhe haviam proporcionado essa ajuda». (Hadot, 2016, p. 184).

Através do recurso metodológico da descrição das experiências de exercício e transformação espiritual dos antigos, Hadot pretende exercer o compromisso pedagógico da filosofia entre as pessoas de nosso tempo. Ele próprio buscou influenciar positivamente seus contemporâneos – sendo que os relatos de reais modificações existenciais provocadas a partir do contato com essas descrições em sua obra atestam a eficácia pedagógica desse procedimento.

Além dessa implicação pedagógica da própria obra desse autor, a aceção da filosofia como modo de vida nela desenvolvida também exerce um impacto pedagógico na contemporaneidade em pelo menos mais dois outros sentidos:

«(...) o modelo da filosofia como modo de vida tem inspirado o desenvolvimento de novas metodologias de ensino e disseminação da filosofia a públicos alargados. No que diz respeito ao ensino, importa destacar o trabalho desenvolvido pela Mellon Philosophy as a Way of Life Network, sediada na Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos. Trata-se de uma rede internacional de professores e investigadores, dedicada ao desenvolvimento, partilha e promoção de estratégias de ensino da filosofia com base no modelo da filosofia como modo de vida. A convicção fundamental desta rede é a de que uma educação filosófica baseada neste modelo não só facilita a aprendizagem dos conteúdos propostos como promove o seu questionamento e aplicação prática, permitindo assim responder de forma mais direta e eficaz às questões, expectativas e aspirações que levam os alunos a escolher um curso de filosofia. Ao nível da apropriação não-académica dessa imagem da filosofia e da sua disseminação para o público não especializado, destacam-se – além da multiplicação de livros escritos por académicos para este tipo de público, com uma crescente popularidade – as iniciativas desenvolvidas pelo Modern Stoicism, uma organização nascida de uma colaboração entre académicos e psicoterapeutas, com o objetivo de tornar as práticas terapêuticas estoicas acessíveis para o grande público. Entre as suas iniciativas, contam-se uma conferência anual (‘Stoicon’) e a ‘Semana estoica’, que convida qualquer pessoa interessada, com ou sem formação filosófica, a ‘viver como um estoico por uma semana’ e a avaliar os efeitos dessa experiência na sua vida». (Testa; Faustino, 2022, pp. 41-42).

Os desenvolvimentos de Hadot acerca da concepção da filosofia como modo de vida inspiram-nos para uma reflexão sobre a educação filosófica no tempo contemporâneo. Ao enfatizar como problemática central da filosofia a questão da maneira de viver, aponta-se para a ideia de um ensino no qual, mais do que se dedicar à apropriação de conteúdos teóricos e habilidades discursivas, dedica-se ao aprimoramento das existências (sem, no entanto, prescindir da dimensão teórica e conceitual, mas a articulando com esse propósito ulterior). Hadot coloca para a contemporaneidade um desafio, convidando-nos a repensar e aperfeiçoar os diferentes aspectos da educação filosófica sob a perspectiva da filosofia como modo de vida. Assim, levanta o questionamento em torno, por exemplo, dos objetivos desse ensino, das suas estratégias, do papel do professor, do que esperar dos alunos, dos currículos, da organização institucional e etc., tanto sobre o ensino de nível superior nas academias, quando em nível médio nas escolas. De acordo com Testa e Faustino, muitos professores em nosso tempo, inspirados por esses desafios e indicações levantados por Hadot, já começam a investir em uma atuação orientada por sua concepção de filosofia. Também se observa na contemporaneidade uma tentativa de reavivamento do original espírito popular da filosofia. Analogamente às tentativas dos antigos, filósofos de nosso tempo buscam disponibilizar ao público em geral os conteúdos filosóficos, sobretudo em seus aspectos práticos, dessa tradição de filosofia. Com isso pretendem oportunizar a qualquer pessoa interessada e disposta a se comprometer com o esforço filosófico, maneiras de provocar modificações em suas existências. Trata-se de um eco da preocupação pedagógica em ajudar os outros a viver melhor, que fora própria aos filósofos antigos. Assim como uma tentativa de ultrapassamento dos habituais limites da atividade filosófica, que hoje se restringe à academia e aos especialistas, exercendo-a então em outros espaços e juntamente com o público em geral.

Ao ressaltar a pertinência da filosofia para qualquer pessoa e não somente para os filósofos profissionais, pois essa se refere a uma atividade que não está restrita ao discurso técnico e à conceituação abstrata, mas que responde à problemática da boa vida e convida à sua prática, Hadot reanima na contemporaneidade a ideia antiga de um ensino filosófico popular e cujo sentido é o aprimoramento da existência.

## Conclusão

Ao realizar um retorno à antiguidade, mais do que um interesse histórico, mobiliza Pierre Hadot o interesse metafilosófico, mas também pedagógico de propor uma concepção de filosofia alternativa àquela corrente hoje. Em oposição à maneira como a filosofia é hoje praticada, reduzida à teoria, propõe uma prática filosófica com um horizonte existencial, exercendo influência sobre filósofos e professores de hoje, assim como sobre as pessoas em geral. Com base em sua abordagem da filosofia, desdobra-se um entendimento do ensino filosófico que, em síntese, enfatiza a sua vocação ética e transformadora. Ao invés de enfatizar a teorização e conceituação, enfatiza-se nessa educação a prática concreta e cotidiana, tanto no sentido de que o ensino da teoria (então focado em questões relacionadas à maneira de viver) deve possuir um impacto de transformação sobre a vida, como no sentido de que essa transformação é provocada também por vias práticas. Hadot nos convida a repensar, além de nosso envolvimento pessoal com essa disciplina, também nossas estratégias de ensino, observando que, para esse objetivo da transformação existencial, a comunicação filosófica deve, para além da teoria e do conceito, recorrer a outras estratégias (por exemplo, à exemplaridade e aos exercícios práticos). Dessa maneira, esse ensino deve possuir relevância não apenas para especialistas na filosofia, mas para todas as pessoas, pois se refere às questões que interessam a qualquer um, como, por exemplo, a pergunta sobre o que é a felicidade e sobre como alcançá-la. Sendo que, entre as diversas abordagens filosóficas acerca da maneira de viver desenvolvidas ao longo da história da filosofia (a serem criticamente estudadas e concretamente experimentadas nesse ensino filosófico alternativo que então toma forma), a própria perspectiva hadotiana se oferece como mais uma abordagem interessante, prometendo, a partir da tomada de consciência de nosso lugar no cosmos, uma existência mais consciente e aberta às outras pessoas.

## Referências

- DAVIDSON, A. I. (1990). *Spiritual Exercises and Ancient Philosophy: An Introduction to Pierre Hadot*. *Critical Inquiry*, v. 16 (3), 475-482.
- HADOT, P. (2014a). *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações;
- HADOT, P. (2014b). *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola;
- HADOT, P. (2016). *A filosofia como maneira de viver: Entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson*. São



Paulo: É Realizações;

SELLARS, J. (2022). O que é a filosofia como modo de vida? En F. Testa y M. Faustino (Comp.), *Filosofia como Modo de Vida: Ensaio Escolhidos*, (pp. 65-88). Lisboa: Edições 70;

SHARPE, M. (2018). Towards a phenomenology of Sagesse. *Angelaki*, v. 23 (2), 125-138;

TESTA, F. y FAUSTINO, M. (2022). *Filosofia como Modo de Vida: Ensaio Escolhidos*, Lisboa: Edições 70.